

## PELA JANELA, UM RIO – A POÉTICA DA EDUCAÇÃO ENTRE VIAGEM E CINEMA

Davi Henrique Correia de Codes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio, murmúrio entre imagens e palavras criadas em deslocamento, consiste nas reflexões e poéticas de uma maneira docente cambiante, errante, nômade e que se arrisca por atravessar e deixar-se atravessar pelas imagens de um cinema amador construído durante o pesquisar/viajar. Um professor que escreve em seu caderno de professor-artista, e ainda nos dá a ver embaralhadamente, um pouco das criações que se desdobram deste deslocar-se. O cenário desta viagem é a janela do trem que percorre Vitória-ES até Belo Horizonte-MG, e que tem ao seu lado, aquilo que resta do Rio Doce após o rompimento da barragem de Mariana. Que imagens e palavras podem nascer entre as margens de um rio que padece? Um cinema amador ensaiado pelos conceitos de *ficção, alteridade, memória e afeto*, reunidos de uma maneira enigmática para o pensamento acerca da relação entre educação ambiental e a formação docente. Imagens convidadas a viajar ao lado de um rio tão Doce quanto a sua lembrança. Viagem como (des) caminho, sem pensar em chegadas. Que os olhares vejam paisagens de uma nova terra e seus ouvidos escutem sons de manhãs, tardes, noites e sonhos que germinam da palavra e da imagem mais enlameada possível.

**Palavras-chave:** Cinema; educação ambiental; viagem.

**Abstract:** This work is a whispering among images and words produced *on* movement. It is a joint of reflections and poetics of a changing way of practicing the teaching profession, a wandering and nomad way which risks itself on crossing the images of an amateur cinema made while travelling/researching and on being affected by them. A teacher who writes on his notebook and shows, in a confusing way, some of his productions made while moving across the landscape. The travel scene is a train window. The route is in between Vitória-ES and Belo Horizonte-MG. On both sides of the railway, rests of a river, some of what is still there after the dam rupture in Doce River, at the city of Mariana. Which images and words can emerge from a lacking river? An amateur cinema influenced by the concepts of fiction, otherness, memory, affection, all reunited in an enigmatic way to reflect towards the relation between environmental education and teacher education. Images invited to travel besides a river as sweet as its memories. The travel as a non-path, with no expectations to arrive. Let the eyes see the landscapes of a New Earth; let the hearing listen to the sounds of the mornings, of the evenings, of the darkness, of the dreaming inside the word and the image, so muddy as they can be.

**Palavras-chave:** Cinema; environmental education; travelling.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UEFS, Mestre em Educação, linha *Educação e Comunicação* pelo PPGE-UFSC e doutorando em Educação, Linha *Linguagem, Arte e Educação* pela FE-UNICAMP. E-mail: [davidecodes@gmail.com](mailto:davidecodes@gmail.com).

## 1. O trem começa a se mover- o começo do viajar e suas razões

A imagem seria reproduzida. Reprodução ou produção que se repete em forma e toma a mesma forma a qual a imagem original carrega. Seria a tradução de imagem em outra. A imagem de destino, destina-se a ser cópia, ou tentativa de duplicação da imagem fonte. Mas ambas eram imagens, e como imagens, eram mais que a forma a que elas se apresentavam nestes papéis. Não tinha controle. As bordas da imagem estavam ali apenas para dar a forma de retângulo ao olhar que era sem limites de captura. Mesmo assim, as bordas guardavam trajetórias distintas para olhares que lhe eram emanados. Entre as bordas havia um tempo e um espaço, um corpo visível, mas de vestes invisíveis, como uma mulher de braços tão longos que não se pode ver suas mãos, seus dedos, ou sequer aquilo que esta mulher segura. Fora das bordas, havia o céu. O céu onde se via não a continuação da imagem em braços de mulher, mas as texturas da alma de quem olha a imagem, a atmosfera, a alma do além ver. O verter. O versar. A *verità* de alguém que não insiste em ler a imagem com os olhos, mas com a experiência de se abrir para que ela entre e torne-se outra, outra vez e de novo, e de novo.<sup>2</sup>

Será feito o convite. Anuncio nas linhas acima o (in) traduzível feitiço das imagens em mim. Teço agora, algumas outras palavras que contam um pouco mais do que seria olhar por esta janela de trem. Ver um rio Doce e o que ele move, sentir-se docente a espreita do mundo, e quem sabe, inventar algumas coisas. Inventar imagens navegantes de um cinema ambiental amador e experimental que também permeia esta proposta de texto. A partir de uma viagem, uma série de imagens fixas e em movimento foram capturadas, articuladas, editadas e convidadas a compor um percurso de trajetos simultâneos dentro do fazer pesquisa em educação, do narrar de uma viagem e do transitar ao lado de um rio tão Doce quanto a lembrança que dele segue. Viagem que funciona como (des)caminho, sem pensar nas possibilidades de chegadas. Para isso, apresento este ensaio dividido em três partes: o primeiro sendo este, no qual indicarei algumas escolhas conceituais e metodológicas do trabalho; a segunda seção com uma produção textual que dialoga diretamente com o filme feito e com imagens agregadas aqui; e o terceiro e último, na intenção de delinear alguns fechamentos reflexivos possíveis, mesmo que provisoriamente.

Inicialmente, é importante relatar que este ensaio é uma confecção que articula cultura e ambiente a partir de encontros com personagens e elementos ficcionais de uma rotina comum, mas ao mesmo tempo, inesperada, mas que por isso mesmo possibilitou essa tentativa de criação de palavras e de imagens. Este trabalho parte da experiência de viagem vivida por mim, um professor de ciências e biologia, às margens do Rio Doce do nosso país, Brasil, logo após o rompimento da barragem de Mariana que nele derramou águas tóxicas e barrentas.<sup>3</sup> Uma viagem feita de trem, acompanhada de alguns conceitos, um pouco de atenção e de curiosidade para a criação poética e literária em meu caderno de professor-artista. Neste mover-se é que proliferam-se as imagens e algumas reflexões sobre o que penso acerca da formação docente. Um trem que seguia o caminho contrário ao das águas barrentas. Das proximidades de uma foz, rumo ao aproximar-se de uma nascente, o que me faz pensar: volta-se à vida no reiniciar das águas/palavras?

<sup>2</sup> Prosa-poética intitulada *Diante da imagem*, escrita no meu caderno de professor-artista.

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre o rompimento da barragem e contaminação do Rio Doce, ver o *Relatório sobre o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco e seus efeitos sobre o Vale do Rio Doce*, de 2017, produzido pelo Conselho Nacional dos Direitos Humanos - CNDH, Brasília-DF. Disponível em: <[http://www.mdh.gov.br/sobre/participacao-social/cndlh/relatorios/RelatriodaBarragemdoRioDoce\\_FINAL\\_APROVADO.pdf](http://www.mdh.gov.br/sobre/participacao-social/cndlh/relatorios/RelatriodaBarragemdoRioDoce_FINAL_APROVADO.pdf)>.

De Vitória-ES até Belo Horizonte-MG. O (des) encontro ao longo do trajeto. A possibilidade de pensar a educação que se faz em processo, em viagem, em movimento, em moldes heraclianos e repletos de possibilidades e fissuras. Uma viagem não muito longa, mas inevitavelmente intensa e capaz de desconcertar algumas certezas já cristalizadas pelo passar do tempo. Fiz o percurso enquanto muitos, mas é sobre a docência e suas possibilidades mutantes que aqui tenho desejo de compartilhar minhas reflexões. Neste sentido, acolho a noção de errância que o professor Walter Kohan (2015) nos escreve:

[...] a errância tem mais a ver com uma intensidade do que com a quantidade, mas com a espessura que com a largura, mas com a densidade que com a dilatação, mas com o arranque e com a velocidade que com o movimento.[...] A errância tem a ver com a ruptura e a revolução; errante é o que não se conforma com um estado das coisas ou de alguém para quem as coisas não tem estado fixo, senão que busca interromper e tornar impossível a continuidade do que está sendo.[...] o errante se esvazia em sua errância. Não olha o mundo desde sua posição de saber, mas o faz sensível aos saberes do mundo. (p. 227-228).<sup>4</sup>

Pela errância é que realizo estas experiências e me permito sentir e fazer surgir outras criações, desde este meu lugar movediço de atuação. Para isso, debruço-me e busco operar conceitos advindos dos pensamentos pós-estruturalistas, tais como: *afeto, ficção, memória e alteridade*, e deste modo tento provocar, através das/com as próprias imagens, uma abertura para outros sentidos, sensações, rememorações e experiências no campo da Educação Ambiental. Fruto disso, trago aqui não apenas este texto, mas uma produção de cinema, a que chamo de *amadora*. Nele a viagem é contada não como documentário, mas como a ficção que lhe cabe, de um sujeito professor em constante (trans) formação e seus (des) encontros com um rio e com o que se escuta dele. Outros sujeitos, outro rio, outro ambiente, outra Terra. Uma alteridade ainda enigmática, talvez para sempre enigmática, errática, nômade. Esse outro se mantendo inapreensível, irrepresentável.

Uma trajetória através de um fazer cinema ambiental como processo metodológico de pesquisa em Educação que começou na minha pesquisa de mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina.<sup>5</sup> Uma navegação margeada por um rio povoado do que sobrou deste derramamento de resíduos tóxicos. O que nos resta dos encontros entre educação, cultura e ambiente? O que fazer/escrever/pensar entre as margens de um rio tomado como morto? O que fazer entre as margens de uma página que acolhe as palavras adormecidas por uma leitura ainda não feita? ou entre as margens de uma tela que retém as luzes das imagens surdas de uma assistência ainda por ensaiar? “Escrever para que a língua não morra”, assim como evita-se que morra, aquilo sobre o que a língua escreve ou fala. São as sugestões dadas pelo professor Carlos Skliar (2014) que convido aqui para viajar comigo:

“escrever, talvez, como se se tratasse do fim do mundo”. Como se já não houvesse tempo, nem palavras, mas apenas um abismo existencial em frente ao qual só cabe a escrita. É só um ponto de partida, talvez apenas uma imagem: escrever, talvez, como se já não tivéssemos nem tempo, nem mundo. Mas é também uma posição e uma forma de expor-se: é nesse limite, nesse abismo, nesse último fôlego, onde vale a pena perguntar-se sobre a palavra e seus gestos. (p. 110).

<sup>4</sup> Tradução não oficial, de minha autoria.

<sup>5</sup> Dissertação de mestrado intitulada: *Alter-imagens: educação ambiental entre cinema e pescadores*, defendida em 2016, sob orientação do prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167740>>.

Ou ainda, como ele mesmo aponta: “O escrever enquanto jeito de não morrer”:

Ao contrário: há demasiada vida quando as palavras percorrem os lugares abandonados, as aldeias escuras onde o corpo não passa, a claridade impossível de uma tarde quando ainda é madrugada. Mas a vida significa muitas coisas: a casa sozinha, o desterro de cada um, o abismo no qual surgimos, a voz que é o fio mais débil para dar nó e, sobretudo, os olhos que se abrem e começam a desejar o que nunca viram. Dizer o que já se disse, mas com outras palavras. Descobrir o segredo que nunca nos confessaram. (p. 98).

Sinto-me assim para poder escrever qualquer coisa que diga respeito ao rio Doce. A uma tragédia tão grande. Um fim do mundo que não me impede de manter-me vivo, como lama que somente recobre a semente por germinar. Mesmo assim o faço, escrevo, olho o rio, sinto algo, tento fazer nascer o que me mobiliza agora, mesmo que se trate de algo insuportável. Continuo com Carlos Skliar, quando ele nos provoca um “escrever o insuportável”:

Escrevo para pronunciar essas palavras que são destroços do sangue frio. Para espantar a dor sem confrontá-la. Escrevo para anoitecer o dia e para madrugar à tarde. Escrevo para confessar o inoportuno. Para escapar de mim e poucas vezes reencontrar-me. Escrevo para amar o insuportável. (p. 109).

Assim sigo fazendo, tentando criar imagens que não retratem as ruínas, mais do que sua marca de monumentos do que passou, mas como resquícios e pó que serão usados na próxima vida a farfalhar. Sigo buscando habitar o meu cotidiano docente, com imagens e prosas-poéticas escritas em meu diário de professor-artista, como um modo de fazer pesquisa e de me mover dentro da Educação. Uma escolha estética e política para um pesquisar repleto de atravessamentos. Enxergar a poética, brincar. Esta proposta não buscava respeitar a temporalidade linear dos acontecimentos, assim como sequer se pretendeu linear em sua confecção. É uma composição, criação, mistura, colagem, dobradura, edição de numerosos sentires e leituras que aconteceram no transcurso de horas viajadas, de alguns poucos anos de pesquisa junto à imagem, junto a docência e o pensar a formação de professores junto a caminhos artísticos, sobretudo via o cinema.

Como já anunciado, é fruto deste percurso, a aposta em um cinema *amador*, inaugurado a partir das contribuições trazidas pelos estudos junto ao filósofo francês Jacques Rancière (2012a). Ele é quem dá suporte as tessituras deste fazer cinema, e àquilo que acredito ser pertinente a confecção do cinema como metodologia de pesquisa em educação. Nas processualidades e no pensar e operar os conceitos aqui selecionados junto às imagens. Um movimento contrário ao comumente realizado, ainda que legítimo, de uso para a educação dos artefatos cinematográficos já produzidos, ou até mesmo da oferta de oficinas práticas para estudantes. Trato da importância de vivenciar esta experiência de criação para pôr em prática os conceitos da pesquisa em Educação e de que maneira a atenção voltada a este que é o outro, faz proliferar o pensamento junto as imagens em sua conexão com a alteridade. Quem sabe até, ensaiar um cinema. Um *alter-cinema*.

Sendo assim, convido as (os) leitoras (os) deste texto para uma leitura e assistência ativa do filme *Pela janela, um rio*<sup>6</sup>, produção amadora que realizei com as imagens e sentidos derivados desta experiência. Não convoco o termo “assistência ativa” apenas pela relação que a proposta tem com o cinema contido nela, mas me refiro, neste ponto, a uma assistência investida de entrega e hospitalidade, de atenção e demora, não apenas como um passar de olhos

<sup>6</sup> Vídeo de 9'18'', produzido em 2018, de concepção, edição e filmagem feitas por mim. Disponível em: <<https://youtu.be/4gPZVz8rzJI>>.

silenciosos. Quase um movimento performático realizado pelo próprio sujeito leitor (a) deste trabalho e espectador (a) desse cinema. Uma tentativa de anunciar uma emancipação, assim como bem nos remete Rancière (2012c, p. 23) no “embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham [...].” Propus uma atuação performática de mim, inclusive, este professor errante, viajante ao longo deste rio. Sendo assim, indico e deixo que assistam o filme quando preferirem, e estejam cientes que não é minha intenção explicá-lo, mas sim deixá-lo correr livre, assim como os trilhos que acompanham o leito do rio.

Vale ainda ressaltar que a escrita que me movimentou não foi emanada por verdades, mas uma escrita que parte e propõe experiências. Desta maneira, imaginei uma mistura pouco silenciosa desta proposta que carrega sons de um filme por vir. Baseando-se neste jogo entre o campo da palavra e da imagem que se constrói no campo do visível, volto a Rancière (2012b), quando me relata que:

Por um lado, a função de manifestação visível retém o poder da palavra. Esta manifesta sentimentos e vontades, em vez de falar por si mesma [...] ela retém a potência do próprio visível. A palavra institui uma determinada visibilidade. Manifesta o que está longe escondido nas almas, conta e descreve o que está longe dos olhos. Mas, assim, retém sob seu comando o visível que ela manifesta, impedindo-o de mostrar por si mesmo, de mostrar o que dispensa palavras [...]. (p. 22).

Assim, é que este cinema acontece. Imagens que percorrem algumas fagulhas da relação entre cultura e ambiente modificados por um rio devastado. Uma modificação de paisagens e sentidos, suponho. Enfim, se há e o que há, seria possível cartografar o que foi modificado? São somente experimentações literárias que partem do encontro com as imagens construídas junto ao rio, junto ao filme que produzi. Fiz novas imagens desse lugar e nesta minha travessia. Mas me indago: qual o valor de criar mais imagens ou palavras do já sabido? Para mim, são imagens que operam pensamentos e fazem surgir outras coisas. São recomeços. Imagem e escrita se alternam e se imbricam com maior intensidade a partir de uma teia de relações conceituais já experimentadas na minha dissertação de mestrado: *afeto* (MACHADO, 1990; GLEIZER, 2005; LOPES, 2013), *ficção* (RANCIÈRE, 2009a, 2013), *memória* (BENJAMIN, 2012a) e *alteridade* (LARROSA, 2011; SILVA, 2014), sem hierarquias, simplesmente coexistindo como manchas de tinta aquarela sobre o claro papel.

Deste modo, penso ser coerente apontar que a principal questão que movimentou o cinema e ainda ecoa para a criação deste ensaio, foi: o que pode emergir dos encontros entre cultura e ambiente através da produção de um cinema ambiental amador que segue as pistas deixadas pelo outro, por outro rio, por outro modo de estar ali? E de antemão, revelo que este professor que narra, assim como toda essa mistura já demonstrada, também se vê em transito de sentidos, sensações e até rememorações, e que algumas coisas já apresentam formas definidas e se materializam através do texto que dialoga junto a este cinema, e outras tantas coisas ainda não, mas a viagem acontece mesmo assim. Uma viagem por águas turvas, tão turvas quanto a sombra que permeia o poema de Cecília Meireles, mas que mesmo turva ou sombreada, faz bem em expressar sua poética:

Som  
frio.

Rio  
sombrio.

O longo som  
do rio  
frio.

O frio  
bom,  
do longo rio.

Tão longe,  
tão bom,  
tão frio  
o claro som  
do rio  
sombrio!<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Poema de Cecília Meireles, intitulado *Rio na sombra*, contida na obra *Ou Isto ou Aquilo*, organizada por Walmir Ayala, de 2012.

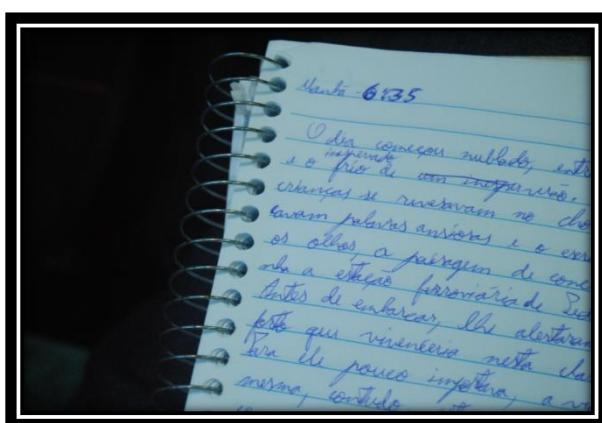
## 2. Pela janela, um rio – além de trilhos e vagões

Manhã, 6:35.

O dia começou nublado, entre gotas de chuva e o inesperado frio de verão. Dentro do trem, crianças se revezavam no choro, mulheres trocavam palavras ansiosas e o viajante seguia com os olhos, a paisagem de concreto que compunha a estação ferroviária de Pedro Nolasco, em Vitória-ES.

Antes de embarcar, alertaram-lhe para o desconforto que vivenciaria nesta classe econômica.

Para ele pouco importava, a viagem seria a mesma, contudo, estaria mais perto do comum, mais perto do próprio desconforto de observar aquilo que o trouxera a esta viagem,



As pessoas não paravam de chegar, de entrar no vagão de número 3. Ele aguardava seu misterioso companheiro ou companheira de viagem que ao seu lado ocuparia o assento 43.

Fotografou algumas cenas na máquina e na mente. As imagens da máquina só seriam revistas quando a viagem se concluisse. As imagens da mente jamais se fixariam integralmente.

Algumas trocas de assentos, algumas palavras trocadas, descalçou os sapatos e desistiu de tentar acompanhar aqueles que circulavam ao seu redor. Pegou um livro, mas antes de abri-lo bocejou imenso. Sua mente ainda estava preguiçosa enquanto o barulho só aumentava naquele vagão.

No horário exato do tempo *khrónos*, o trem começou a se mover. Partir. Seguir. Não era começo, muito menos fim. Houve um alarde com o mover do trem. Escutou-se uma voz infantil de menina a dizer: “piuí, chac-chac, piuí, chac-chac...”.

Primeira parada. Na saída de Vitória, transpassaram o manguezal.

Cochilou... em seus olhos fechados enxergou o chão encharcado, ao mesmo tempo que quem olhava para o horizonte só visualizava verde. Sonhou com a moça que gostava. Acordou e escreveu em seu caderno:

*Todas as manhãs ela deixa os sonhos na cama. Acorda e põe sua roupa de viver. Todavia não repara que sempre esquece de calçar seus pés. Caminha de pés nus pelo piso claro da casa, e jamais repara que é por conta do chão frio que ela sente toda e qualquer solidão. Ela tem o hábito de se olhar no espelho, repara na cor dos seus próprios olhos, no tom dos seus cabelos, a maciez da sua pele, e depois interrompe a sua auto contemplação para se indagar sobre se deve ou não satisfazer-se em dobrar os lençóis usados. Ela sabe que na próxima noite deverá deitar-se novamente, junto aos desejos e sensações ali largados ao destino do*

*mundo. Acorda somente quando se levanta, não antes, nem depois, exatamente ao levantar. Veste-se com roupa de viver, não qualquer viver, mas aquele específico do dia exato da semana. Cada dia um vestir diferente, mas ao mesmo tempo um vestir banal. Só, e realmente única, até quando após o banho, ela se despe novamente e segue ainda descalça, para juntar-se em deleite de toques e sussurros ao outro dela que ainda a aguarda a cada manhã do outro lado do espelho. Todas as manhãs ela pega os sonhos na cama, adormece e deixa ser levada pelas águas do sentir. Um dia, quem sabe, acordará no meio da noite, sairá sem vestir-se e encontrará seus calçados já postos nos pés. Caminhará para o nada, diante do espelho e se verá uma nova outra, vestida dos sonhos, velhos sonhos que um dia esqueceu que existiam. Seu sorriso já estava ali, só lhe bastava sorrir, e assim ela fez.<sup>8</sup>*

A viagem seguia. Paredões rochosos cortados como sabão eram cruzados pelo trem que se movia veloz. Veio a segunda e depois a terceira parada. Pessoas



desceram do trem, enquanto outras subiram. Até este momento, somente Mia Couto e seus ensaios imaginários faziam companhia a este escritor/viajante “solitário”. Não era obvia esta solidão!

Como foi rápido, não pôde fotografar, mas avistou ao longe um homem que vestia galochas de borracha brancas e permanecia sentado no comedouro do gado que não ligava para sua presença. Sentia aquela solidão imensa e semelhante a sua, até no modo como ele olhava para a grama pisoteada pelo gado.

Quarta parada. Nada. Só verde ao redor. Assento 43 ainda vazio.  
8:57 da manhã. Chegaram à margem do Rio Doce, digo, ao rio de lama, onde a doçura se perdeu.

“Olha lá, olha lá, olhá lá: a lama! só lama!”

<sup>8</sup> Prosa-poética intitulada *Aquela que desperta*, escrita no caderno de professor-artista.

O trem seguia rápido como se tentasse escapar da cena de um infinito e largo achocolatado venenoso. Entre vozes perdidas, desencontradas de intenções, escutava-se o silêncio das águas.

Há irritação, apesar da inércia.

São muitos minutos de silêncio. Silêncio de idéias. As narrativas convergem com as margens que bordeam o rio. Algumas pessoas expressavam suas opiniões, alguns sua desaprovação e lembranças de um rio vivo, de águas caudalosas e cheias de expressão. O que se via agora era uma mistura do brilhante e ganancioso metal que os vagões vizinhos carregavam.

Existe a opção de não olhar? Existe apenas no intervalo do piscar, porque não há fuga possível para a presença morta do antigo rio. À medida que o trem avançava, cruzava e acompanhava o serpentejar das águas. Em ondas, as águas densas vinham pintando tudo o que tocavam, e deixando seu rastro amargo no que dele dependia. O viajante não chora. Não consegue! Sente apenas um vazio sem eco. É jogado para dentro de si mesmo e sua solidão se intensifica. A poltrona 43 segue sem um passageiro, mas por vezes é preferível ter a companhia de ninguém a ter a voz de alguém barulhento, como os desesperados olhares dos animais à beira da água inacessível.

Outra e outra parada. Nada parece mudar. Cores se repetem, passageiros se revezam.

A história deste acidente lhe foi contada e ele ali adormeceu. Dormindo, leu as palavras de Mia Couto (2011) que diziam:

*Nenhum rio é apenas um curso de água, esgotável sob o prisma da hidrologia. Um rio é uma entidade vasta e múltipla. Compreende as margens, as áreas de inundação, as zonas de captação, a flora, a fauna, as relações ecológicas, os espíritos, as lendas, as histórias. É uma rede de entidades vivas, um assunto mais da Biologia que da Engenharia. Habitados a olhar as coisas como engenhos, esquecemos que estamos perante um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança. (p. 52-53).*

Adormeceu por pouco mais do que uma hora, despertando em uma nova parada, com a entrada de inúmeros novos passageiros. Mais da metade da viagem percorrida e ninguém sentara ao seu lado, na poltrona 43.

Notara em um momento que o céu se enchera de nuvens, fazendo surgir sobre as águas metálicas um sombreamento interessante. Valia-se de certos instantes e detalhes para não se afogar no desastre que margeava. Como margear a tragédia sem tornar trágica a vida, ou é possível manter-se a margem do que se vê?

A lama tomara conta dos terrenos, a superfície das casas e árvores estavam tomadas. Caberia então levantar os olhos para buscar o algo a mais?



O leito do rio passou para o lado esquerdo do trem, ou foram os trilhos do trem que passaram a correr ao lado direito do rio? Muitas curvas em um relevo alto deixavam ver a extensão larga e o efeito forte do que já fora um rio. No trem, as pessoas seguiam seus caminhos, muito a quem dos efeitos do desastre. Não havia culpa, todavia, havia apenas cansaço pela longa viagem. Por alguns minutos o viajante caminhou pelos vagões e deparou-se com uma moça de cabelos loiros, olhos castanhos e sorriso aberto. Conversaram distraidamente e foi possível refazer as idéias banais e treinar a voz que há horas não libertava. Quis falar do que via, mas não sentiu segurança para mudar os rumos da conversa leve, a moça poderia se desagradar. Insegurou-se inteiro. Ninguém ousou tocar no tema do rio morto. Ele ficou aflito por isso!

Agora o sol apontava na esquerda do trem, mandando muita luz janela à dentro. Atingia-o direto no seu rosto e por acaso o fez lembrar que era professor, além de tudo. Ele olhou para o sol, de canto de olho, e ao voltar a vista para frente, enxergou pela janela a lateral do trem que realizava uma longa e vagarosa curva.

Não se avistava mais o rio, somente na mente do viajante o rio continuava a correr. Ele evitava pensar, mas era inevitável. Não tinha como não lembrar das suas ondas escuras sobre as rochas, plantas e corpos de animais que não resistiram. Em algum momento seria possível deixar de lembrar. Agora, apenas olhar para esta realidade com o carinho dos afetos possíveis e das ficções. O que destas imagens apreendidas surgiria? O que seria desta experiência construída, desta viagem percorrida? Nem ele sabia que poesia nasceria, se é que um dia, este dia seria poesia!<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Escritos feitos no dia 23/01/2016, em viagem de trem entre a cidade de Vitória-ES e Belo Horizonte- MG, contida do diário de professor-artista. Imagens feitas ao longo da viagem e fotogramas do vídeo *Pela janela, um rio*.

### 3. Últimos frames de um cinema/rio que se move sem parar

Para compor estes últimos frames de desfechos (im) possíveis, seria preciso repensar a pesquisa através destes caminhos que misturam e fazem (des) encontrar cultura e ambiente, cotidiano e tragédia, docência e viagem, arte e educação, palavra e imagem. Não me arvoraria a responder ou desvendar todos os enigmas que justamente potencializam a realização dessa pesquisa, sobretudo pelo fato de sua aposta ser nas escolhas metodológica. Contudo, devo apontar para mais pistas que me ajudaram na composição de algumas conclusões provisórias.

São rastros derivados desta produção de um cinema amador que segue os passos desse outro inapreensível. Ensaiar sobre um filme ensaiado. Quantos ecos uma gota d'água cria ao cair da folha desatenta de uma árvore que margeia o rio Doce? Uma produção cinematográfica como processo de pesquisa e não como um desfecho inalterável, assim como pensar a operação conceitual para a criação de uma obra ou artefato cultural, seja de imagem ou de escritas. Tudo na intenção de fazer movimentar novos sentidos para a educação ambiental e também para a formação docente.

Assim como movimentar as percepções acerca do que seria um rio e seu deslocar-se, sua relação com o entorno, como já apontado pelo sonhado e já citado Mia Couto, e que tem nos escritos da professora Nancy Unger (2001), uma grande confluência de idéias quando aborda em seu contexto, a especificidade do rio São Francisco: “O espaço que é visto apenas como reservatório de água e gerador de energia elétrica guarda, para os habitantes da região, significados culturais e espirituais profundos: a ligação com os antepassados, com a própria história, com a terra natal.”(p. 59). Vê-se ai então, a importância do outro em nós, da alteridade que se exercita e é formadora, e que “só é possível mediante uma disponibilidade de transformação, uma abertura para deixar-se tocar pelo outro, por aquilo com que entramos em relação. É dialogar com os seres e as coisas.” (p. 136). Dialogar com o rio, com as imagens que surgem dele, independente de que rio seja, ou como esteja. Para tanto, a professora Nancy complementa:

Preservar não é apenas não causar dano a alguma coisa. O preservar genuíno tem uma dimensão positiva, ativa, e acontece quando deixamos algo na paz de sua própria natureza, de sua força originária. Assim também, salvar não tem unicamente o sentido de resgatar uma coisa do perigo: salvar é restituir, ou dar condições para que ela se revele naquilo que lhe é mais próprio. Salvar realmente significa deixar-ser. (p. 123).

Deixar ser e permitir ser, mesmo que o mais cambiante e errante ser, como já anunciado pelo Kohan (2015) e que aqui entende-se como relevante para pensarmos a docência, a Educação e seus percalços e catástrofes cotidianas, mas tomar-mos como exemplo o rompimento da barragem, esta necessidade de recomeçar depois de um “fim do mundo” como foi acidente com o Rio Doce:

[...] uma aposta permanente por novos inícios de inconformidade, resistência e nascimentos [...] Quem sabe essa errância nos possa ajudar a pensar, com o corpo, uma vida para a educação. Quem sabe aprendamos a viver uma nova vida para o aprender e o ensinar, inspirados em sua errância. (p. 228-229).<sup>10</sup>

Justamente o que se faz necessário para pensarmos uma Educação contida de uma docência cambiante, ao mesmo tempo que seja capaz de lidar com o constante estado de

---

<sup>10</sup> Tradução não oficial, de minha autoria

estranhamento, ou com a constante mudança do/no mundo. Ambiência de uma poética menos assertiva e mais errática, como bem nos aponta Carlos Skliar (2014):

O alheio, o outro, é também a distância necessária para que algo aconteça... Se tudo fosse interioridade, se tudo tivesse a ver com o que faz parte de mim e é meu reino, se cada escrita procedesse de uma voz certeira e confessional: onde estaria a estranheza do diferente, do que não se repete, do que é contingente? Como seria possível escrever sem sentir de verdade que é possível olhar, como dizia Pessoa, como se fosse pela primeira vez? A escrita e a leitura poética supõem uma perda de controle, que as palavras façam sua travessia em mim, que meu corpo seja lar da linguagem. (p. 168).

Da foz em direção a nascente, como se fazer o percurso contrário fosse alterar o curso das coisas de maneira subtrativa. Curioso, como muda tanto o tempo cronológico, como também o tempo aiônico das relações. Mudam intensidades, mudam sensações, mudam corpos, muda memória. Para onde? Não se sabe ao certo, a viagem não termina quando chegamos em algum lugar. Com o tempo e com as imagens deste rio Doce, entre o lá e o aqui, tudo parece deixar de ter fronteiras sólidas, ou, pelo menos, estas fronteiras passam a assumir uma afetiva porosidade (BENJAMIN, 2012b).

E assim fiz o que meus desejos me levaram a fazer: *Viajo porque preciso, volto porque te amo.*<sup>11</sup> E vejo também no narrado em *Elena*<sup>12</sup> que tanto faz: a vida ou a morte, o partir ou voltar, o ficar ou mudar. Sempre serão dualidades capazes de me fazer escrever, ou até, de me impuserem a obrigação dessa escrita-imagem que germina como água de transpiração no corpo arredio de uma criança que brinca sem cessar. Talvez o resultado disso seja este estar no meio, entre cada vértice deste copioso dualismo que não precisa ser integralmente fronteiriço, mas que pode se manter poroso justamente para que o atravessar aconteça.<sup>13</sup>



<sup>11</sup> Filme: *Viajo porque preciso, volto porque te amo*. Direção: Karin Ainouz. Brasil, 2010. (75')

<sup>12</sup> Filme: *Elena*. Direção: Pedro Costa. Brasil, 2012. (82')

<sup>13</sup> A primeira (acima) imagem desta página é um fotograma do filme *Elena*. A segunda (abaixo) é um fotograma do filme *Pela janela, um rio*.

Sendo assim, retomo a questão que principia este ensaio: o que pode emergir dos encontros entre cultura e ambiente, através da produção de um cinema amador que segue as pistas deixadas pelo outro, por outro rio, por outro modo de estar ali? E antes de anunciar qualquer presunçoso ponto de fechamento, convido mais uma vez as contribuições do professor Carlos Skliar (2014) para acrescentar nas intenções de uma pesquisa que se faz em meio ao viajar, quais e quantas potencialidades são possíveis brincar:

Viajar é sentir, sim: sentir tudo excessivamente (Fernando Pessoa); viajar para não chegar possivelmente nunca (Claudio Magris); viajar com a amabilidade de quem atravessa duas ou três vezes um território que é pisado e também é pegada (Peter Handke); viajar como passear: a caminhada distraidamente atenta de poeta (Robert Walser); viajar como uma rota trágica e obrigada que não traçamos para nós mesmos; viajar sem envolver o mundo numa teia de aranha de graus de longitude e latitude (Cees Nooteboom); viajar em linha reta e ter o sol e a lua de um e de outro lado (Werner Herzog); viajar e não saber onde deixar exatamente as garras (Wislawa Symborska); viajar sem outra companhia que as próprias sombras (Friedrich Nietzsche); viajar para abandonar a cidade e precipitar-se para o porto desejado (Anna Ajmátova). Enfim, viajar como olhar para o Céu onde um sonho espera ser sonhado (Chantal Maillard). (p. 79).

Desta maneira, encaminho nossa parada na mesma estação enfeitiçada pelas imagens que povoam esta viagem repleta de pistas para a pesquisa em Educação, para o pensar a Educação Ambiental. Uma viagem por trilhos e águas habitada por muitos. Que os olhares vejam paisagens de uma nova terra, que os ouvidos escutem sons de manhãs, tardes, noites e sonhos, que hajam viagens e que sejam fabulosas enquanto estiverem em movimento.

## Referências

GLEIZER, M. A. *Espinosa e a Afetividade Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LOPES, D. Afetos Pictóricos ou em direção a Transeunte de Eryk Rocha. *Famecos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 255-274, maio/agosto, 2013.

DA SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

\_\_\_\_\_. Rua de mão única. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. v. 2. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

KOHAN, W. O. *Viajar para vivir*: ensayar. La vida como escuela de viaje. Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores, 2015.]

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

MACHADO, R. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. Organização Walmir Ayala. Ilustrações Odilon Moraes. 7. ed. São Paulo: Global, 2012.

RANCIÈRE, J. *A fábula cinematográfica*. Trad. Christian Pierre Kasper. Campinas, SP: Papirus, 2013

\_\_\_\_\_. *As distâncias do cinema*. Org. Tadeu Capistrano. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012a.

\_\_\_\_\_. *A partilha do sensível*. Estética e Política. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009a.

\_\_\_\_\_. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contratempo, 2012b.

\_\_\_\_\_. *O espectador emancipado*. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2012c.

\_\_\_\_\_. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed. 34, 2009b.

SKLIAR, C. *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Traduções: Adail Sobral, et al. Salvador: EDUFBA, 2014.

UNGER, N. M. *Da foz à nascente: um recado do rio*. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.